

Débora Egypto Klippel

*“A publicação do **livrinho** desde já, leva depois, para o livrão e até a megagescon”.*
(Waldo Vieira, Lécico de Ortopensatas, 2014)

1. QUEM SOU EU?

Eu conheci a Conscienciologia em 2012. Naquele momento, eu já era mãe da Luisa (5 anos) e do Gabriel (2 anos). Quando conheci a Conscienciologia, a primeira coisa que eu pensei foi *“Puxa, queria ter conhecido isso antes. É tudo que eu sempre busquei.”* Pensei em como teria evitado determinados erros e mimeses e quanto tempo eu não teria desperdiçado enquanto buscadora borboleta. Passei pelo espiritismo e algumas outras linhas de conhecimento, tudo bem místico e dogmático.

2. COMO APRESENTAR O PARADIGMA PARA CRIANÇAS?

Sendo mãe, busquei dentro da Conscienciologia livros infantis que pudessem me ajudar a falar sobre isso com as crianças. Descobri o “Boa noite, Universo” já esgotado e achei mais um ou dois livros, que não atendiam a minha expectativa de introdução ao paradigma consciencial.

Percebi cedo que faltavam livros infantis. E a pergunta que ficou na minha cabeça foi: *“Como falar do paradigma consciencial para crianças?”*

Costumo dizer que a melhor forma de ter ideias é observar um problema, elaborar uma pergunta em busca da solução e deixá-la na cabeça. Quando a gente menos espera, a resposta aparece. Foi exatamente isso que aconteceu!

3. COMO SURTIU A IDEIA?

Era final de semana e o Philip, meu duplista e pai das crianças, havia viajado para um curso de imersão da Conscienciologia. Eu adoraria ter ido junto, mas precisávamos nos revezar com as crianças. Então em casa éramos eu, Luisa e Gabriel. Brincávamos sentados no chão, eu mais observava do que brincava e foi quando a ideia do livro surgiu na minha cabeça *“A resposta que eu buscava!”*. A história, os personagens, a busca e a curiosidade deles em achar algo que respondesse às perguntas que ninguém sabia muito ao certo como responder.

A ideia continuava crescendo e pensava que o assunto principal deveria ser: *os pilares do Paradigma Consciencial*. Naquele momento, percebi que precisaria escrever já, pelo menos os tópicos principais, para fixar a ideia. Peguei o *ipad* que era o que havia por perto, já com medo de perder toda aquela informação. Comecei a escrever, e para minha surpresa, os pensamentos eram organizados e encadeados. O roteiro que se formou parecia bem lógico e instigante.

Observei a presença de amparador através de sinalética já mapeada. Diferente da psicografia, o *insight* funciona como trabalho em equipe, a ideia surge, mas a tradução dessa ideia passa pela nossa matriz de conhecimento, o nosso “jeitão”. Foi quando me dei conta que a história começava justamente pela *observação, questionamento e a busca pela solução*. Algo que reflete o meu jeito de ser e agir, mesmo com as pequenas coisas. Por isso, quando me disseram que todo livro, e principalmente o primeiro, é também uma obra autobiográfica, não entendia muito bem, mas vejo que faz todo sentido, pois expressa a maneira do autor de se manifestar.

Naquele primeiro momento, eu já havia definido:

- **Título.** O Pequeno Pesquisador
- **Personagens.** Luisa e Gabriel são amigos que juntos iriam buscar respostas sobre suas dúvidas mais complexas ao lado da amparadora intrafísica, muito especial e empática, a Joana.
- **Tema.** Compreender o que é a multidimensionalidade.

No dia do lançamento do livro, o professor Mário Oliveira, disse: “Este livro é a sua história”. Hoje, olhando para trás vejo que sim, consigo perceber o quanto esta história reflete a minha própria, ou melhor uma versão atualizada, o que gostaria que tivesse acontecido. Posso dizer que carrego em mim um pouco de cada um dos três personagens: *a curiosidade e a vontade de não fazer essa busca sozinha* da Luisa, o *interesse e companheirismo* do Gabriel e o *parapsiquismo* da Joana. Prescrevi para mim mesma, com a escrita deste livro, uma condição mais madura de lidar com o parapsiquismo e a multidimensionalidade desde a infância.

Percebi que havia criado uma chapa e poderia haver outras histórias com esse mesmo roteiro. Pensei em escrever, ao invés de um único livro maior, uma série de pequenos livros com os mesmos personagens que iriam buscar respostas através dos pilares do paradigma consciencial. O conceito estava então concluído.

4. O PASSO A PASSO ATÉ A PUBLICAÇÃO

Algum tempo depois de ter amadurecido a ideia, era hora de marcar uma reunião e ouvir o *feedback* sobre o projeto. Eu tinha uma viagem agendada para Foz do Iguaçu e aproveitei para marcar reunião ao vivo com a Editares e a Evolucion. Sendo designer, montei um *PowerPoint* para apresentar o pré-projeto. Não queria avançar sem saber se estava no caminho certo.

Em julho de 2014, eu dava início a grande desafio pessoal: publicar meu primeiro livro. A ideia foi bem aceita, porém, aquele era apenas o início de uma longa jornada de autoenfrentamento e descobertas.

4.1. DESENHAR

Quando a ideia surgiu na minha cabeça, junto dela e dos diálogos, vinham também as *imagens* que em alguns casos eram complementares à cena para que fosse possível compreender a história de maneira integral, porém sem muito texto. Queria um livro lúdico e bem acessível ao público infantil.

Apesar de designer, eu não era ilustradora. Não possuía essa habilidade manual e percebi que no fundo eu relutava com a possibilidade de “*dar um passo atrás*” e recuperar os *cons* dessa

atividade artesanal. Isso me levaria à autoidentificação de traços da arte e do temperamento artístico, coisas que até aquele momento eu fazia questão de negar.

Essa etapa da obra exigiu muita dedicação. Busquei entre meus colegas ilustradores alguém que pudesse fazer esta tarefa para mim, mas lá no fundo sempre soube que eu mesma deveria realizar esse serviço. Demorou aproximadamente um ano e meio e um esforço sobrenatural para materializar aquelas poucas páginas.

4.2. CRIANÇAS

O segundo grande desafio foi algo que só me dei conta de maneira consciente após a publicação. Apenas consegui reconhecer esse travão tempos depois com ajuda de colegas e da conscienciometria. Eu estava escrevendo para um público-alvo que até aquele momento, para mim, parecia não existir na comunidade conscienciológica. Bem ou mal, fazia sentido, estávamos falando de ciência e de um tema complexo. Crianças não estão presentes no dia a dia do conscienciólogo, inclusive uma técnica aplicada pelas minhas colegas era a antimaternidade. E um conflito surgiu: Será que haveria interesse da comunidade em publicar para crianças?

Percebi que o conflito era meu, pessoal, de autoimagem. Era recém-chegada na Conscienciologia e trazia com esse projeto dois assuntos polêmicos: a “*arte*” e a “*criança*”. A base desse raciocínio era a idealização em querer me encaixar no estereótipo do “conscienciólogo ideal”. Nesse contexto, não observamos nem o universo infantil e a maternidade, nem a arte e o artesanato.

Quando falamos em publicar no paradigma consciencial, é comum observar o autoenfrentamento quanto às reciclagens e a compreensão de uma tarefa intransferível, provavelmente aceita ainda no Curso Intermissivo. Logo, eu precisava me aceitar enquanto mãe, enquanto pessoa com habilidade em traduzir didaticamente um assunto complexo em linguagem acessível e sendo artista, capaz de ilustrar tudo isso.

Hoje percebo que a demora de 3 anos foi parte de um processo de autodesassédio e autoenfrentamento.

5. NOVOS INTERMISSIVISTAS

A ressonância é algo contínuo nesta dimensão intrafísica. Os novos intermissivistas não param de chegar a este mundo. Fica claro que existe, sim, necessidade enorme de material para recebê-los. Os livros infantis são ferramentas de acesso à Conscienciologia ainda na primeira idade. Ajudam a evitar possíveis distorções quanto às experiências parapsíquicas vivenciadas ainda na infância. Pode explicar os fenômenos experienciados, ajudar a localizar senhas de Curso Intermissivo e, principalmente, pode evitar o desvio da proéxis devido ao porão consciencial, um período complexo em que muitos correm o risco de abortarem suas tarefas proexológicas.

A infância e a adolescência exigem do neointermissivista um nível de retilinearidade cada vez mais complexo em tempos de reurbanização e de fartura.

O convite para escrevermos para esse público exige enxergarmos nossas primeiras dificuldades e quais foram os travões da nossa própria infância que eventualmente atrasaram a nossa chegada. Através do nosso exemplo de superação, pensar em como poderíamos ajudar os neointermissivistas a ultrapassarem o período da infância de maneira mais leve e sem grandes contratemplos.

Em resumo, qual conselho daria a você mesmo? Nesse ponto, podemos dizer que o livro pode servir também para a sua próxima ressonância, enquanto ferramenta de autorrevezamento e para otimização quanto aos possíveis gargalos.

Referências

1. **Vieira**, Waldo; *Léxico de Ortopensatas*; revisores Equipe de Revisores do Holociclo; 2 Vols.; 1.800 p.; Vols. 1 e 2; 1 *blog*; 652 conceitos analógicos; 22 *E-mails*; 19 enus.; 1 esquema da evolução consciencial; 17 fotos; glos. 6.476 termos; 1.811 megapensamentos trivoculares; 1 microbiografia; 20.800 ortopensatas; 2 tabs.; 120 técnicas lexicográficas; 19 *websites*; 28,5 x 22 x 10 cm; enc.; *Associação Internacional Editores*; Foz do Iguaçu, PR; 2014, página 1251.



Débora Egypto Klippel é designer e empreendedora. Graduada em Desenho Industrial. Especializada em Design Gráfico e Web. Pesquisadora da Conscienciologia desde 2013. Voluntária da Associação Internacional de Pesquisas Seriológicas e Holobiográficas (CONSECUTIVUS). Autora do livro *O Pequeno Pesquisador: multidimensionalidade*, de 2019.

E-mail: dkproexis@gmail.com